

## Crianças e Infâncias: as linguagens artísticas em cena

Ana Paula Cordeiro<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente texto tem por objetivo tecer considerações sobre crianças, infâncias e a importância das linguagens artísticas para a formação humana. Visa também a apresentar possibilidades de um trabalho com Arte que privilegie as linguagens artísticas por meio do lúdico, no âmbito de um projeto que alia ensino, pesquisa e extensão universitária, o Ludibus. Por meio de discussão teórica e da descrição do Projeto Ludibus apresentamos concepções de crianças e infâncias ligadas à Sociologia da Infância, bem como tratamos das linguagens artísticas, dentro da perspectiva da criação, apreciação e reflexão sobre o fazer artístico, no âmbito de um trabalho prático desenvolvido junto ao projeto em questão.

**Palavras-chaves:** crianças, infâncias, linguagens artísticas, Ludibus.

### Children and childhood: artistic languages on stage

**Abstract:** This text aims to make considerations about children, childhood and the importance of artistic languages for human formation. It also aims to present possibilities for a work with Art that privileges artistic languages through play, within the scope of a project that combines teaching, research and university extension, the Ludibus. Through theoretical discussion and the description of the Ludibus Project, we present conceptions of children and childhood linked to the Sociology of Childhood, as well as dealing with artistic languages, within the perspective of creation, appreciation and reflection on artistic making, within the scope of a work practice developed with the project in question.

**Keywords:** children, childhood, artistic languages, Ludibus.

### Introdução

Antes mesmo de saber escrever, o homem expressou e interpretou o mundo em que vivia pela linguagem da arte. A caverna, com sua umidade rochosa, foi o ateliê do homem pré-histórico. Diante dos mistérios do que lhe era desconhecido, o artista retirava-se para ficar a sós na caverna. Por dias e dias, nela habitava, desvendando, pelo fazer das mãos e pela força imaginante, o que não compreendia mas sonhava compreender. A caverna foi a casa na qual o artista se sentia seguro enquanto criava; pois a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz”, como disse o filósofo francês Gaston Bachelard (1884-1962). Nela, pelos olhos de seu próprio ser sensível, o artista ia concebendo o seu por imagens (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 1998, p. 34)

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação. Docente da Faculdade de Filosofia e Ciências-Unesp-Campus de Marília-SP. E-mail: a.cordeiro@unesp.br

No presente texto me proponho a falar sobre crianças, infâncias e a importância da Arte em suas vidas, em seu processo formativo. Mais especificamente, trato sobre como trabalhar com as linguagens artísticas na Educação Básica (Educação Infantil e Ensino Fundamental) por meio da criação, do jogo, do lúdico, das brincadeiras. Apresento algumas possibilidades dentro de um projeto de ensino, pesquisa e extensão universitária ligado à Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, Campus de Marília, intitulado Ludibus. O Projeto tem como principal característica a existência de um ônibus adaptado para funcionar como uma biblioteca, brinquedoteca e ateliê itinerantes, desenvolvendo seu trabalho em escolas da Educação Básica do município de Marília-SP. Visa a sensibilizar professores e crianças da Educação Básica para a importância de atividades, experiências e vivências artísticas, literárias e lúdicas para a formação humana.

Apresento aqui as concepções de crianças, infância(s) e Arte que permeiam o trabalho realizado junto ao Projeto Ludibus e faço uma discussão teórica relacionada ao fazer artístico desde a Educação Infantil, espaço formal de aprendizagem das crianças e de experiências e vivências formativas.

### **Crianças e infância(s): reflexões a partir da Sociologia da Infância**

Utilizo aqui a palavra “crianças”, no plural, para deixar claro que não falo de uma ideia de criança, de uma criança “abstrata”, mas de crianças, seres concretos, que vivem suas infâncias em contextos específicos. A Sociologia da Infância faz uma distinção entre crianças e infância. As crianças são seres concretos, “agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas.” (CORSARO, 2011, p. 15). Já a infância é um

[...] período socialmente construído em que as crianças vivem suas vidas – é uma forma estrutural. Quando nos referimos à infância como forma estrutural queremos dizer que é uma categoria ou uma parte da sociedade, como classes sociais e grupos de idade. Nesse sentido, as crianças são membros ou operadores de suas infâncias. Para as próprias crianças, a infância é um período temporário. Por outro lado, para a sociedade, a infância é uma forma estrutural permanente ou categoria que nunca desaparece, embora seus membros mudem continuamente e sua natureza e percepção variem historicamente. É um pouco difícil reconhecer a infância como uma forma estrutural porque tendemos a pensar nela exclusivamente como um período em que as crianças são preparadas para o ingresso na sociedade. Mas as crianças já são uma parte da sociedade desde seu nascimento, assim como a infância é parte integrante da sociedade (CORSARO, 2011, p. 15-6).

Corsaro (2011) também aponta que a infância está inter-relacionada a outras categorias estruturais como classe social, grupos etários e de gênero. Os arranjos dessas categorias afetam diretamente as crianças em tempos e espaços distintos. Destaca que as crianças afetam e são afetadas pela sociedade.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), em seu Artigo 4º temos uma definição relacionada às crianças:

Art. 4º As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, construindo cultura (BRASIL, 2009, p.1).

A concepção de crianças que pauta a perspectiva do Projeto Ludibus é a de seres ativos, produtores de cultura, capazes de criar, observar e selecionar os elementos da cultura para a resolução de problemas e abertura a novas possibilidades de conhecimento. A Arte, as linguagens artísticas possuem um papel fundamental no processo de formação humana e sensível. Mas, o que é Arte? Que concepção pauta o trabalho realizado com as crianças? Qual a função da Arte na contemporaneidade? O que dizem os documentos oficiais sobre o campo da Arte? Estas e outras questões busco responder aqui.

### **Arte: sua função**

Há um pensamento de senso comum que vê a Arte como um “presente”, um “dom” dado a uns poucos escolhidos. O artista é visto como um “ser iluminado e solitário”, capaz de compor, desenhar, pintar, esculpir, dançar, representar. A Arte pensada assim se desvincula do mundo social e político. É mistificada. Tais ideias de senso comum levam a Arte para longe de sua função agregadora e coletiva.

Em primeiro lugar, cabe dizer o que é Arte, dentre tantas definições e possibilidades. As escolhas feitas aqui buscam trazer a Arte para o âmbito do fazer humano, de dimensão individual e coletiva.

Nesse sentido do fazer humano, uma primeira definição se delinea:

Ainda hoje é possível usar o termo ‘arte’ nos diversos idiomas modernos em vários sentidos. Fala-se da arte de viver, da arte de escrever, da arte de pensar; ‘arte’ significa, nesse sentido, certa virtude ou habilidade para fazer ou produzir algo. Fala-se da arte mecânica e da arte liberal. Fala-se também da bela arte e das belas artes- em cujo caso

‘arte’ é tomado, em sentido estético, como a ‘Arte’. Estes significados não são totalmente independentes; estão interligados pela ideia de fazer e, em especial, de produzir algo de acordo com certos métodos ou certos modelos- Métodos e modelos que, por sua vez, podem ser descobertos mediante a arte (MORA, 1998, p. 46).

Do ponto e vista de um fazer coletivo Canclini (1984) dirá que a Arte está ligada

a

[...] atividades ou aspectos de atividades de uma cultura em que se trabalha o sensível e o imaginário, com o objetivo de alcançar o prazer e desenvolver a identidade simbólica de um povo ou de uma classe social, em função de uma práxis transformadora (CANCLINI, 1984, p. 207).

Tais definições apresentam a arte como habilidade, fazer humano, parte da cultura dos povos, agregadora e capaz de levar, por meio da práxis, à transformação, às mudanças sociais. Arte também é linguagem, conhecimento. Segundo Martins, Picosque e Guerra. Arte é

Uma forma de criação de linguagens- a linguagem visual, a linguagem musical, a linguagem cênica, a linguagem da dança e a linguagem cinematográfica, entre outras. Toda linguagem artística é um modo singular de o homem refletir- reflexão/reflexo- seu estar-no-mundo (MARTINS, PICOSQUE, GUERRA, 1998, p. 41).

É, também conhecimento capaz de nos levar à criação, apreciação e reflexão. (MARTINS, PICOSQUE E GUERRA, 1998). Conhecimento que une objetividade e subjetividade, razão e emoção, continuidades e rupturas. Ou seja, é dialético, segundo Fischer (1971). Para ele nos ligamos à arte pela identificação e pela não identificação com as obras ou com o que nos é apresentado, pelo desejo de compreender o mundo e de melhor viver nele, dominando e tentando entender aquilo que não entendemos. Segundo Fischer (1971) o mundo capitalista cria dualidades, torna opacas e complexas as relações sociais. Cabe à Arte, na atualidade, remover conflitos, ultrapassá-los.

A função da Arte mudou historicamente. No início, a função da Arte estava fundida com outras formas de pensar o mundo, como a religião, por exemplo. Com o passar do tempo o papel mágico da Arte foi cedendo lugar ao papel de clarificação das relações sociais, ao papel de ajudar o homem a conhecer melhor o mundo e transformá-lo (FISCHER, 1971).

Há o reconhecimento de que a Arte tem um papel fundamental na formação humana de forma clara nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, em seu Artigo 6º, as Diretrizes tratam dos princípios da Educação Infantil. O princípio estético faz parte do próprio tripé formativo das crianças:

Art. 6º As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios: I – Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. II – Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática. III – Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (BRASIL, 2009, p. 2).

Também, nas Diretrizes, em seu Artigo 9º, que tratam dos eixos norteadores da Educação Infantil, há vários incisos que tratam das linguagens da Arte.

Art. 9º As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que: I - promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança; II - favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical; [...] VII - possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade; [...] (BRASIL, 2009, p. 3).

Cabe lembrar que o trabalho deve ser desenvolvido, segundo os Parâmetros Curriculares para o Ensino de Arte, dentro da perspectiva da criação, apreciação e reflexão (BRASIL, 1997).

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) traz, em seu volume 3, três eixos relacionados às linguagens artísticas: Movimento, Artes Visuais e Música. Apresentam um histórico de teorias, práticas e formas de tratamento dadas a estas linguagens, bem como os objetivos do trabalho a ser desenvolvido e sugestões de atividades para crianças da Educação Infantil.

Na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) o componente curricular Arte está centrado nas Linguagens: artes visuais, dança, música e teatro. A Arte deve propiciar a interação crítica entre as crianças, o respeito às diferenças, o diálogo intercultural e a troca entre culturas, o compartilhamento de saberes e produções, bem como a prática investigativa.

A BNCC (BRASIL, 2017) propõe que a abordagem das linguagens artísticas articule seis dimensões do conhecimento e esclarece que não são eixos temáticos, tampouco há hierarquia entre as dimensões, que são maleáveis e articuladas. São elas: criação/ crítica/estesia/expressão/fruição e reflexão. A criação: refere-se ao fazer artístico,

à produção, à construção de uma obra, numa atitude intencional de investigação, que confere materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos e representações. A crítica está relacionada às impressões e compreensões do espaço, relações, experiências, estudos e manifestações artísticas e culturais vividas e conhecidas. Ela envolve aspectos estéticos, sociais, políticos, históricos, econômicos, filosóficos e culturais. A estesia é a experiência sensível dos sujeitos em relação à arte e articula sensibilidade e percepção, tomadas como forma de conhecer a si mesmo, o outro e o mundo. Expressão/expressar é exteriorizar e manifestar criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, individualmente e coletivamente. Fruição refere-se ao prazer, ao estranhamento e abertura à sensibilidade diante de uma obra de Arte. E reflexão é o processo de construção de argumentos e ponderações sobre as criações, fruções e processos artísticos e criativos. (BRASIL, 2017).

A educação artística/estética, portanto, é fundamental para uma sólida construção do repertório cultural e sensível do ser humano. Cabe refletir sobre como a escola tem contribuído para proporcionar vivências capazes de ampliação das possibilidades culturais e de conhecimento das crianças.

### **Repertórios e vivências**

Perceber a importância da educação estética é fundamental. A Arte torna o ser humano sensível ao mundo, às pessoas, aos acontecimentos, a si mesmo. Criar, observar, deleitar-se com a beleza, olhar com crítica para o mundo, refletir sobre o que se vê fazem parte da educação para a Arte.

A experiência estética é condição fundamental para a vida humana. Observar o mundo, as formas, cores, sons, composições, cenas, espaços, cheiros, paisagens tornam nossas vidas mais significativas e aguçam os sentidos. Nem todos, no entanto, percebem o valor de tais experiências (CORDEIRO, ARAÚJO e ANJOS, 2021, p. 2).

Desde a mais tenra infância há a formação de um repertório cultural que todos carregam consigo. No caso da educação formal é fundamental que os repertórios das crianças sejam respeitados e ampliados, desde a Educação Infantil. Repetições, modelos, cópias e estereótipos devem ser evitados. Ostetto (2007) salienta que

No âmbito da Educação Infantil, falamos em ampliação dos repertórios vivenciais e culturais das crianças como um dos objetivos a serem conquistados, assim como na necessidade de um trabalho que considere as múltiplas linguagens da infância. Porém, o que temos presenciado é

a simplificação e o empobrecimento da “arte” em uma versão escolarizada, encerrada no fazer e visando a um produto, colocando em ação “o mesmo para todos”, “sigam o modelo”, “é assim que se faz”. Na Educação Infantil, frequentemente, a arte mostra-se com a roupagem de um conteúdo a ser ensinado em determinados momentos ou um conjunto de técnicas e instruções para o exercício de habilidades específicas (os “trabalhinhos” e as “atividades artísticas” vão por esse caminho) (OSTETTO, 2007, p.5).

Cabe também lembrar sobre a importância das partilhas culturais, fundamentais para a ampliação de nosso repertório cultural e sensível.

Nossa história é tramada nos tempos e espaços marcados pelas experiências compartilhadas com nosso grupo de convívio, inclusive familiar, assim como pelas referências culturais mais amplas. Pelas características de um tempo histórico, vamos elaborando sentidos e significados sobre o mundo, apropriando-nos de modos de ser, pensar e sentir. Assim, constituímos um repertório. (OSTETTO, 2007, p.4).

Do ponto de vista da educação formal cabe refletir: do que professores e educadores se nutrem culturalmente? Quais são suas reais possibilidades de aprendizados estéticos, deleites artísticos, olhares sensíveis para o mundo? O que entra em suas vidas? Como os cursos de formação têm tratado a Arte? O que conseguem os educadores oferecer às crianças em termos de diálogo, interlocução? Como ampliar o repertório cultural das crianças, dever da escola, auxiliando-as a fazerem escolhas dentro de uma ampla gama de elementos da cultura? Kishimoto (2003) fala sobre a importância da organização de um ambiente lúdico e educativo para as crianças da Educação Infantil. Estendo este olhar para o Ensino Fundamental. Nesse sentido, apresento algumas propostas e possibilidades de um trabalho de educação estética junto a crianças da Educação Básica (Educação Infantil e Ensino Fundamental) por meio do Projeto Ludibus.

### **Projeto Ludibus: as linguagens artísticas em cena**

O Projeto Ludibus tem como principal característica a existência de um ônibus adaptado para ser um espaço de biblioteca, brinquedoteca e ateliê itinerantes. Existe desde o ano de 1999 e foi inspirado nas bibliotecas e brinquedotecas móveis que surgiram em meados dos anos de 1990 em capitais do Brasil. É ligado ao Departamento de Didática da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp-Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- Campus de Marília-SP. O principal objetivo do Projeto é sensibilizar professores e crianças da Educação Básica (Educação Infantil e Ensino Fundamental)

para a importância do lúdico, da literatura e das linguagens artísticas para a formação humana. Aqui apresento o trabalho voltado especificamente para as linguagens artísticas.

O Ludibus firma parcerias com escolas públicas de Educação Básica do município de Marília e região. O ônibus lúdico vai semanalmente ou quinzenalmente às escolas parceiras, levando todo o seu espaço e material, bem como a equipe do Projeto, composta pela coordenação e bolsistas de graduação da Universidade Estadual Paulista.

Nas escolas, além de desfrutarem do espaço lúdico e educativo do ônibus, também são oferecidas oficinas e atividades no campo das linguagens artísticas. Por meio do Projeto buscamos, coordenadora e equipe, trabalhar com as linguagens artísticas de forma lúdica.

Do ponto de vista teórico pautamo-nos por autores como Corsaro (2011), Sarmiento (1997), Gobbi (2009), Fernandes (1961), Martins, Picosque e Guerra (1998), Barbosa (1991), Boal (1991), Fischer (1971), Cordeiro (1997, 2018), Cordeiro, Araújo e Anjos (2021), Spolin (1991), Reverbel (1989), Weiss (1993), entre outros autores.

Figura 1: Veículo do Projeto Ludibus.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

O Projeto desenvolve seu trabalho com crianças da Educação Básica, desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental, ciclo II. Os materiais (brinquedos, jogos, livros, gibis, lápis, tintas, massa de modelar, instrumentos musicais, fantasias e adereços) são utilizados de formas variadas, de acordo com as idades e possibilidades das crianças.

Com os bebês e crianças pequenininhas priorizamos formas, cores, estímulos táteis, cubos de madeira, jogos de encaixe e brinquedos grandes, bem como papéis em rolo e tintas atóxicas para pintura a dedo. Os instrumentos musicais são estimulantes dos sentidos e produzem sons variados.

Com as crianças pequenas, de 4 e 5 anos oferecemos oficinas de movimento/dança, de jogos tradicionais, jogos dramáticos, de artes visuais, como desenho e pintura, sempre em propostas capazes de levá-las à criação. Máscaras e adereços as transportam para representações e brincadeiras de faz de conta.

Figura 2: Pintura a dedo.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Com as crianças do Ensino Fundamental são desenvolvidos saraus culturais, com música, poesias, contação de histórias; oficinas de arte com temáticas variadas, como diversidade, meio ambiente, o entorno, o bairro, amizades, etc; rodas de conversa sobre fotografia a partir de perguntas como: o que vale tirar uma fotografia? Pessoas, lugares, objetos, natureza, animais? Para onde direcionamos nosso olhar? As crianças também visitam exposições fotográficas e de Artes sempre que possível, para a educação do olhar

e exercício de observação e apreciação. Organizam exposições dos próprios trabalhos. De desenhos a pinturas, as crianças criam a partir de propostas simples. Um círculo se torna uma mandala (figura 3) e dentro dela, aconchegos e coisas boas são desenhadas. Fora do círculo, os temores e desagrvos. A casa dos sonhos, a cidade ideal, submarinos roxos num mar vermelho, tudo se vai delineando nos desenhos e obras das crianças.

Figura 3: Mandala



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Os anseios e situações cotidianas aparecem em suas criações. Em um sarau cultural que realizamos duas meninas de 10 anos criaram uma música chamada “a princesa e o rei do pagode”. Na música, em estilo de rap, se desenrolava a história de uma linda princesa que se casou com o rei do pagode. O rei a deixava sozinha em casa e às vezes batia nela. A princesa, a cada dia que passava, se tornava mais triste, até que um dia resolveu abandonar o rei.

Os lugares, o cotidiano das cidades, as preferências de passeios, o que passa despercebido e se torna visível com a educação estética, do olhar, tudo isso aparece nas rodas de conversas sobre fotografia e imagens.

Figura 4: Fotografia de objeto para educação estética e do olhar.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Estas são apenas algumas das propostas desenvolvidas junto ao Projeto em seus anos de existência. Milhares de crianças conheceram o Ludibus e com ele se encantaram no espaço lúdico e artístico todo feito para elas. A educação estética, a sensibilidade do olhar, dos movimentos, da alegria de perceber o que antes não se percebia ganham novos contornos e levam as crianças a ampliarem seu repertório artístico e cultural. O Ludibus é o “Ônibus da alegria”, que proporciona tudo isso!

### **Considerações Finais**

Este texto buscou trazer uma discussão relacionada às crianças, infâncias e as possibilidades de criação e ampliação dos seus repertórios culturais por meio das linguagens artísticas e da educação estética. Também visou a apresentar possibilidades de trabalho com crianças, no campo artístico, por meio de atividades, oficinas e vivências junto ao Projeto Ludibus, que se constitui numa biblioteca, brinquedoteca e ateliê itinerantes, no espaço de um ônibus lúdico adaptado, que desenvolve seu trabalho junto a escolas de Educação Básica (Educação Infantil e Ensino Fundamental) do município de Marília-SP e região.

O Projeto visa a sensibilizar crianças e adultos sobre a importância das atividades artísticas e lúdicas para a formação humana, dentro da perspectiva da criação, da apreciação artística e da reflexão sobre fazer e apreciar Arte.

Criar, desenhar, pintar, movimentar-se, fotografar, organizar saraus e exposições, brincar, jogar dramaticamente, compor por meio de atividades e vivências artísticas e culturais, para muito além de cópias e modelos amplia o repertório cultural das crianças e torna suas infâncias mais ricas de possibilidades e aberturas para o mundo. A perspectiva de Arte aqui adotada é a do fazer humano, individual e coletivo, contextualizado, capaz de levar à crítica e à transformação social. Finalizo com Fischer (1971) ao lembrar que a Arte sempre será necessária, justamente pela sede do ser humano de conhecer melhor o mundo, de agir sobre ele e transformá-lo.

## Referências

- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da Arte: anos 80 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte/Secretaria da Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SE, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SE, 1998.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SE, 2009.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília. DF: MEC/CNE, 2017.
- BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- CANCLINI, Néstor García. **A socialização da arte: teoria e prática na América Latina**. São Paulo: Cultrix, 1984.
- CORDEIRO, Ana Paula. Os meninos da rua da descida: uma proposta de arte e vida através do teatro. 1997. 98 f. **Dissertação**. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1997.
- CORDEIRO, Ana Paula. Jogos dramáticos e teatrais na formação dos educadores da infância: fundamentos, experiências e possibilidades. In ANJOS, C.I.; SANTOS, S.E.; CORDEIRO, A.P.; FERREIRA, F.I. **Pedagogias e culturas infantis: conversas luso brasileiras**. (org.). Maceió: Edufal/Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

CORDEIRO, Ana Paula; ARAÚJO, Luciana Aparecida de; ANJOS, Cleriston Izidoro dos. Formação de professores para a educação básica e o ensino da arte: caminhos possíveis. **Olhar de Professor**, [S. l.], v. 24, p. 1–21, 2021. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.24.17738.062. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/17738>. Acesso em: 6 nov. 2022.

CORSARO, William Arnold. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**, Petrópolis: vozes, 1961.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

GOBBI, Mônica A. Desenho infantil e oralidade: Instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In: FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. B. F.; PRADO, P. D. (org.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 69 – 92.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

MARTINS, Mirian Celeste, PICOSQUE, Gisa, GUERRA, Maria Teresinha Telles. **Didática do Ensino da Arte: A Língua do Mundo- poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. São Pulo: Martins Fontes, 1998.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Educação Infantil e Arte: sentidos e práticas possíveis. **Acervo digital Unesp**. 2007. Disponível em <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/320/1/01d14t01.pdf>

REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola**. São Paulo: Scipione, 1989.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In M. Pinto e M. J. Sarmento (Coord.), **As Crianças: Contextos e Identidades**. Braga. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 1997.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

WEISS, Luise. **Brinquedos e engenhocas: atividades lúdicas com sucata**. São Paulo: Scipione, 1993.

**Submissão:** 07/11/2022. **Aprovação:** 14/03/2023. **Publicação:** 31/03/2023.